

seduziremos se formos para os outros uma palavra que faça funcionar a Palavra de Deus. Buscar-nos-ão porque teremos algo para lhes dizer. Só assim seremos Evangelho para os outros. Nessa altura, buscarão aquilo que nós mesmos buscamos, e buscar-nos-ão porque também eles buscam em nós e por nós, para além de nós e apesar de nós, a fonte da Sabedoria.

JOSÉ CARLOS CARVALHO

A fé num tempo de incerteza. A esperança num tempo de cepticismo. A caridade num tempo de individualismo

A fé num tempo de incerteza

Ao lançarmos o nosso olhar sobre o mundo de hoje, uma angústia, uma profunda inquietação nos toma – é que a barbárie continua, ou voltou, a dominá-lo, como se o caminho até aqui percorrido não nos tivesse servido de lição.

Sobretudo a injustiça que divide o mundo em alguns muito ricos e muitos muito pobres, que faz da sociedade – no dizer de Émile Poulat – “um mercado mundial rodeado de um imenso ‘bidonville’ que semeia, portanto, a maior riqueza e ao mesmo tempo uma miséria arrepiante, provocando nuns a satisfação e noutros a revolta e gerando, por isso mesmo, uma violência cada vez mais intensa e mais alargada.

Diz Sua Santidade o Papa João Paulo II na sua maravilhosa Carta Apostólica ao Episcopado ao Clero e aos Fiéis, no termo do Grande Jubileu do Ano 2000:

“No nosso tempo, de facto, são muitas as necessidades que interpe- lam a sensibilidade cristã. O nosso mundo começa o novo milénio carregado com as contradições de um crescimento económico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se?

E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos económicos mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social” (NMI, 50).

E um pouco mais adiante acrescenta com veemência:

“E como ficar indiferentes diante das perspectivas dum desequilíbrio ecológico, que torna inabitáveis e hostis ao homem vastas áreas do planeta? Ou face aos problemas da paz, frequentemente ameaçada com o incubo de guerras catastróficas? Ou frente ao vilipêndio dos direitos humanos fundamentais de tantas pessoas, especialmente das crianças?” (NMI, 51).

E Sua Santidade apesar do estado do mundo, das angústias, sofrimento e inquietação que ele gera no Seu e nos nossos corações, da incerteza que provoca em nós em relação ao futuro, não desanima e, muito pelo contrário, lança-nos o brado que Jesus lançou ao apóstolo para «fazer-se ao largo» “*Duc in altum!*”, de que nos dá notícia o Evangelho de S. Lucas (Lc 5, 6).

E continua sem hesitação:

“No princípio deste novo século, o nosso passo tem de fazer-se mais lesto para percorrer as estradas do mundo” (NMI, 58).

E quem guia e inspira o nosso passo? Quem nos dá forças para nos metermos à estrada, sem desfalecimentos? Quem nos permite sufocar as vozes que em nós tentam desanimar-nos perante o que vemos e ouvimos? Onde a fonte em que beber a coragem que há-de inspirar e animar a nossa acção para a transformação deste mundo num mundo melhor, mais próximo daquele que Jesus Cristo nos indicou com o seu exemplo de vida na terra?

É Deus, a quem nos conduz a nossa fé. Deus que nos inspira, que dá um sentido à vida do homem, que é princípio e fim da caminhada e da sua realização como homem.

João XXIII na “*Mater et Magistra*” afirma que “o homem separado de Deus torna-se desumano consigo próprio e com os seus semelhantes, porque a relação ordenada de convivência pressupõe a relação ordenada da consciência pessoal com Deus, fonte de verdade, de justiça e de amor”.

E a grande lição que Deus nos dá é precisamente a lição do Amor:

“Assim como eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34).

Só a fé, portanto, nos suporta em tempo de incerteza.

Só a fé nos faz dizer com João Paulo II: “Sigamos em frente, com esperança!” (NMI, 58), num mundo de desesperança onde temos vivido.

Diz Sua Eminência o Senhor Cardeal Ratzinger num dos seus mais interessantes livros (*A Igreja e a Nova Europa*):

“A fé não é uma via cómoda. Quem assim a mostra fracassará. Ela situa o homem perante a mais alta aspiração, porque sabe o que o Homem vale. Mas exactamente por que o que faz é belo e adequado à nossa natureza. Se o nosso olhar souber captá-la em toda a sua grandeza e profundidade, a fé trará consigo as respostas que a nossa época aguarda”.

A esperança num tempo de cepticismo

“Não sabemos os acontecimentos que nos reserva o milénio que está a começar, mas temos a certeza de que este permanecerá firmemente nas mãos de Cristo, o “Rei dos reis e Senhor dos senhores”.

É esta certeza precisamente que nos dá força para criar a esperança no coração de todos os seres humanos. Fustigados pelos ventos da descrença, após as imensas tentativas de fazer substituir toda a filosofia do Evangelho por uma religião do homem, que implantou ideias sedutoras nas mentes e nos corações, mulheres e homens – e muito especialmente os jovens – procuram agora o regresso dos grandes valores que foram e são a grande herança que a nossa tradição cristã nos legou. Foi todo um percurso feito, sobretudo nestes últimos dois séculos, sulcado de realidades trágicas e tremendas desilusões que deixaram um grande vazio nos corações, um cepticismo enorme nas mentalidades.

Como preencher esse vazio? Como erradicar esse cepticismo terrivelmente reductor?

O segredo está no Evangelho, na reabilitação da mensagem cristã que só ela pode fazer renascer a esperança e salvar o futuro.

O mundo apresenta hoje contrastes enormes entre ricos e pobres, a fome e a doença crescem assustadoramente, as desigualdades e desequilíbrios são imensos.

Como se diz na “Gaudium et Spes” – há quarenta anos e é como se fosse hoje – “entretanto vai crescendo a convicção de que o género humano não só pode e deve aumentar cada vez mais o seu domínio sobre as coisas criadas, mas também lhe compete estabelecer uma ordem política, social e económica que o sirva cada vez melhor e ajude indivíduos e grupos a afirmarem e desenvolverem a própria dignidade”.

E mais adiante prossegue:

“As pessoas e os grupos anelam por uma vida plena e livre, digna do homem, pondo ao próprio serviço tudo quanto o mundo de hoje lhes pode proporcionar em tanta abundância. E as nações fazem esforços cada dia maiores por chegar a uma certa comunidade universal.

O mundo actual apresenta-se, assim, simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E o homem toma-se consciente de que a ele compete dirigir as forças que suscitou e que tanto o podem esmagar como servir”.

As soluções que certos líderes iluminados encontraram não serviram – cavaram ainda mais as diferenças, semearam ainda maior cepticismo perante a sua inconsistência e ineficácia.

A ciência, com todo o seu avanço, por vezes extraordinário, deixou que Hiroxima nos espantasse de horror.

O hedonismo, o consumismo, o autismo de uma sociedade voltada egoísticamente sobre si própria, esquecida de valores morais e espirituais, deu e está dando os seus resultados – um cepticismo desolador que tenta fechar todos os horizontes de esperança para a sociedade do futuro.

É, pois, como diz Sua Eminência o Cardeal Poupard (há pouco vindo a Portugal a nosso convite, por ocasião do lançamento, em português, do livro “Cristo, Fonte de uma Nova Cultura para a Europa no Limiar do Novo Milénio”) – “um desafio cultural enorme para o nosso tempo: tornar a dar a esperança. A nova geração – disse ele quando aqui esteve na Universidade Católica de Lisboa – está em busca de um novo horizonte. Os ídolos perderam a sua auréola”.

Em Cristo, na sua enorme lição de vida, está o segredo da verdadeira liberdade, da alegria e sobretudo do amor – fontes de alimento e de inspiração para a nossa acção, que nos ilumine e determine a escolha da liberdade, do progresso ao serviço da dignidade humana, da fraternidade e do amor.

“O segredo é amar” – dizia um poeta português que conheci e muito estimei. É exactamente esse segredo que nos revela Cristo.

“O amor encerra em si todas as vocações, o amor é tudo” (Sta. Teresa de Lisieux). Só o amor é grande, só o amor de que Cristo nos falou e fala, é capaz de abrir, de par em par, as portas da Esperança.

“O amor pode encontrar a sua razão de ser e fundamentar a esperança, a partir da Fé”.

Diz D. Armindo Lopes Coelho: “Cristo é fonte de esperança na vida humana, do nascer ao morrer”.

E D. José Policarpo também nos diz:

“O encontro com Jesus Cristo, na Fé é, indubitavelmente, uma fonte de Esperança, a mais radical e envolvente experiência de esperança que é dado ao homem viver”.

“Tal como uma fonte a água só dessedenta aqueles que a bebem, Cristo só é fonte de esperança para aqueles que o encontraram, acreditaram n'Ele, O seguiram como discípulos, fazendo da Sua palavra a referência contínua e inevitável da busca da verdade e haurindo no Seu amor a ousadia de acreditar num mundo novo”.

“A Esperança é uma atitude fundamental para que a vida humana tenha sentido. Sublinha a existência como projecto, com um horizonte rasgado sobre a eternidade, a descobrir e a viver de mãos dadas com os outros, na comunidade. Num tempo embriagado pela posse e pelo consumo, em busca de certezas racionalmente confirmadas, foise reduzindo o espaço para a expressão simbólica e estética, para o insondável dos anseios interiores, para as razões do coração, único campo fértil para o brotar da Esperança”.

A caridade num tempo de individualismo

“O amor de Deus e do próximo é o primeiro e o maior de todos os mandamentos”. “Todos os outros mandamentos se resumem neste: amarás o próximo como a ti mesmo... A caridade é, pois, a lei na sua plenitude”.

Nos nossos dias, como já o afirmei, é necessária – mais do que nunca – a nossa identificação com o nosso próximo. Quando ele sofre, quando ele tem fome, quando é maltratado e impossibilitado de viver com um mínimo de dignidade inerente a todo o ser humano, somos nós próprios que devemos sentir-nos atingidos pela injustiça que o fere.

Aliás não é precisamente o que nos transmite S. Mateus, no Evangelho, quando nos relata o que Jesus Cristo disse aos homens: “Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber;

era peregrino e recolhestes-me; estava nu e destes-me de vestir; adoeci e visitastes-me; estive na prisão e fostes ter comigo?" E perante o espanto dos que o ouviam, incrédulos quanto à importância e alcance do seu gesto, Jesus respondeu: "Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim mesmo o fizestes".

A grande lição de amor que Cristo nos dá e que recebemos através da nossa adesão à sua doutrina, pela nossa fé, vai, claramente, nesse sentido – olhar o próximo como a si próprio, olhá-lo como um membro da grande família que é a humanidade e igual, portanto, a nós próprios em direitos e deveres, perante o mundo e perante Aquele que nos inspira e acompanha.

O esquecimento desta lição no mundo actual em que o cada um por si, o prazer egoísta, o individualismo, em suma, é norma, há que ser contrariado.

O ensinamento do Concílio Vaticano II lembra-nos que "a mensagem cristã não afasta os homens da tarefa de construir o mundo, nem os leva a desatender o bem dos seus semelhantes, mas, antes, os obriga ainda mais a realizar essas actividades".

Quando o nosso olhar pousa sobre as crianças que em África, mesmo nos países mais abundantes em riquezas, morrem à míngua de alimentos ou são utilizados como soldados para fazerem uma guerra que eles não podem entender ou sobre os que vivem e dormem, descalços, rotos e famintos nas ruas de Bombaim; quando temos notícia dos que, no sudeste asiático são explorados sexualmente, de uma forma abjecta e insuportável de saber para qualquer ser humano normal, sobretudo um cristão – embora não só – todos os individualismos, todos os cepticismos, todas as indiferenças ou egoísmos têm de estalar perante a exigência das nossas consciências de cidadãos que se querem fraternos no mundo em que vivemos e sobretudo naquele em que queremos que as gerações futuras vivam.

É então que compreendemos bem os gestos, as palavras e atitudes de Madre Teresa de Calcutá, de Sta. Teresa de Lisieux ou também dessa grande figura que foi S. Francisco de Assis.

Estas figuras, aliás, são algumas das grandes referências que nos incitam à prática da doutrina, ao dever da caridade, que se não compadece com as agressões à dignidade humana com as quais somos constantemente confrontados.

Gente sem pão, gente sem casa, gente sem trabalho, gente sem afecto, nada disto pode deixar-nos indiferentes ou sequer apenas emocionados

porque se trata de gente que vive em condições degradantes que ofendem a dignidade da pessoa humana.

"O fermento evangélico despertou e desperta no coração humano uma irreprimível exigência de dignidade" e todo o ser humano tem o direito a essa exigência.

"As excessivas desigualdades económicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam um escândalo e são obstáculo à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e, finalmente, à paz social e internacional".

Um mundo de concórdia e de paz, uma sociedade assente em grandes virtudes e princípios morais e sociais terão de ser o enquadramento das novas gerações, também elas ansiosas por fazerem parte de uma humanidade nova, de uma outra humanidade.

"Onde houver dúvida, que eu leve a Fé; onde houver desespero, que eu leve a Esperança", disse S. Francisco de Assis há nove séculos; mas a sua admirável oração possui hoje a mesma força e a mesma actualidade.

Num tempo de dúvida e de incerteza a Fé é indispensável.

Num tempo de cepticismo e desespero a esperança é o farol necessário.

Num tempo de individualismo a caridade é a grande arma para o combater, a caridade que Sta. Teresa de Lisieux considerava "o coração da Igreja, um coração ardente de amor".

E o amor foi, é e será a salvação da Humanidade.

MARIA DE JESUS BARROSO SOARES